

temos, novamente, um exemplo de trabalho, um modelo a ser utilizado, com sugestão até mesmo de como dispor a matéria levantada. As sugestões de como elaborar um discurso são muito claras e de fácil aplicação. Seria altamente desejável que fossem todas de fato consideradas. O ensino e o trabalho intelectual ganhariam em qualidade, em profundidade.

Finalmente gostaríamos de louvar iniciativas de publicação como essa que, sem dúvida nenhuma, vem preencher uma lacuna importante na atividade intelectual do Brasil.

UPHILL, E. P. *Egyptian Towns and Cities*. London, Shire Publications, 1988. 72 p. 36 ilustrações.

Margaret M. Bakos

Universidade Federal do Rio-Grande do Sul

O título deste livro instiga a sua leitura, pois depõe favoravelmente sobre a existência de cidades no Egito Antigo, corroborando o posicionamento assumido, por exemplo, por Badawy,<sup>1</sup> que se contrapõe ao de Wilson,<sup>2</sup> sendo ambos ainda muito discutidos pelos historiadores da antigüidade oriental.

Uphill dividiu o seu livro em 10 pequenas secções. A introdução é de importância fundamental, pois nela o autor indica os termos hieroglíficos que ele considera como indicativos de um crescimento urbano: "niwt" para cidade e "dmi" para aldeia. O último tem conotação com um crescimento natural, seja pequeno ou grande, enquanto o primeiro revela planejamento real.

A classificação dos tipos padrão de povoamento é feita, em base de suas funções, em centros provinciais, cidade planejada dos trabalhadores, cidades militares e fronteiriças, cidades habitadas por sacerdotes funerários e, por fim, residências reais e capitais.

<sup>1</sup> BADAWY, A. The civic sense of Pharaoh and Urban development in Ancient Egypt. *Journal of the American Research Center in Egypt*. v. VI, 1966. 103-109.

<sup>2</sup> WILSON, J. Egypt through the New Kingdom, civilization without cities, in: Kraeling, C. e Adams R. Mc (eds) *City invincible*, Chicago, 1960, p. 124.

No segundo capítulo, Uphill explica que os mais antigos sítios no País encontram-se no Alto Egito, associados à cultura de Badari. Há certamente diferenças regionais entre o alto e baixo Egito, mas pouco pode-se dizer a respeito porque as habitações, que parecem ter sido feitas de juncos, deixaram pouco ou nenhum vestígio. Preocupado em salientar a relação existente entre a arqueologia e a escrita hieroglífica, aponta para a primeira casa retangular descoberta no Egito pré-dinástico, em Hierakonpolis, por Michael Hoffman, e salienta a significativa semelhança entre a planta da habitação e o hieroglifo antigo egípcio “pr”, ou “casa”. Depois de 3.600 a. C., dois tipos diferentes de áreas culturais no Egito começaram a se desenvolver conjuntamente. Esta era pré-dinástica final conhecida como Nagada II ao sul e Gerzean ao norte, assistiu à difusão do uso dos metais, trabalhos em pedra, à introdução da escrita e um grande desenvolvimento nas técnicas de irrigação e agricultura. Como resultado, a população deve ter crescido rapidamente, aumentando as povoações, formando-se as primeiras vilas. Para o final do período, senão antes, algumas delas foram fortificadas com muros e torres. “Tudo estava preparado para o desenvolvimento urbano planejado dos Faraós”. (p. 13)

O terceiro capítulo trata das capitais das províncias ou nomos, que eram em número de 36 e aumentaram para 42 no Novo Reino. Estas capitais eram uma combinação de centro de administração local e cidade mercado. Muitas, senão todas, tornaram-se grandes cidades no período faraônico e tipificaram o padrão de crescimento natural.

O quarto capítulo é sobre povoações planejadas: aldeias de trabalhadores. Deir el Medina, embora seja uma pequena vila, é extremamente informativa sobre o desenvolvimento urbano e bem mais interessante do que se poderia esperar. Há duas razões para isto: primeiro, é o único sítio na vasta área metropolitana de Tebas a ser completamente escavado; segundo, ela abrigou uma comunidade de artífices e trabalhadores das necrópoles reais. A pequena comunidade espalhou-se para a margem oeste de Tebas como as construções dos Faraós. O primeiro grande desenvolvimento foi sob Tutmosis III. Sob Akhenaton (1350-1334 a. C.), os habitantes foram removidos para Amarna, para lá trabalhar nas novas tumbas.

A volta deles a Tebas é marcada por uma grande extensão da vila, com a formação de novos quarteirões. A vila era cercada de muros e havia uma força policial itinerante.

O quinto capítulo é sobre as residências reais menos importantes e as cidades de fronteira. Grande parte do capítulo é dedicada à análise de Kahun que foi provavelmente a residência real de Sesóstris II (1897-1878 a. C.). Há todo um planejamento para a construção de Kahun, fato que leva Uphill a observar que “os arquitetos egípcios desenvolveram os planos de ruas e cidades 2.000 anos antes de Hippodamus”. (p. 29)

Gurob é o nome de outra cidade analisada neste capítulo e que foi provavelmente construída por Tuthmosis II (1504-1450 a. C.).

O sexto capítulo é sobre as cidades para os sacerdotes funerários. Os Faraós também estabeleceram comunidades urbanas para servir suas necessidades na vida futura, povoamentos para durar para sempre, onde os Sacerdotes do seu Ká poderiam oferecer comida em seus templos mortuários. No livro é citado o exemplo da cidade dos sacerdotes funerários da Rainha Khentkawes, da 4ª dinastia, em Giza, que foi completamente escavado. O papiro Harris mostra que Ramsés III deu 160 cidades ao Egito e mais nove na Síria e, em Kush, ao seu grande legado religioso. Embora sendo dedicado aos deuses principais do Egito, elas também serviram para um culto real funerário em escala ainda não igualada na História.

O sétimo e último capítulo trata das cidades imperais. Uma questão fundamental, colocada inicialmente, é qual a cidade que os egípcios consideravam ser sua metrópole e cidade principal. “Aqui, dois fatos devem ser entendidos: principalmente, clima e política significaram que o Egito necessitava de dois centros administrativos para duas terras, Alto e Baixo Egito; segundo, estes centros deveriam mudar de tempos em tempos. Nas antigas monarquias, a administração deveria ser onde o rei estava, a cidade da residência real, mas isso não necessariamente iguala a capital no sentido moderno da palavra”. (p. 47) Havia pelo menos três nomes de cidades que, pela referência dos epítetos reais, eram de extrema importância administrativa: Heliópolis, Tebas e Mênfis. Em geral estas cidades

tiveram um crescimento natural, mas também sofreram um planejamento e uma reconstrução real intensa ao longo dos séculos, portanto devem ser denominadas de “niwt”, segundo a classificação inicial.

Akhenaton escolheu um esplêndido sítio para sua nova cidade residência e centro religioso no médio Egito em Akhetaten — “O horizonte de Aten” — (moderna El Amarna), ou então, como ele mesmo disse na estela que marca a divisão dos limites metropolitanos, “o Deus o escolheu para ele mesmo”. (p. 58) Havia um arranjo geral ordenado na cidade e três grandes estradas corriam de norte a sul, com ruas saindo delas.

As três últimas secções são uma relação de cidades no Egito Antigo e os respectivos tamanhos em hectares, as capitais dos nomos, bibliografia atualizada e um índice que facilita muito a consulta da obra.

A leitura do livro de Eric Uphill impõe-se pela objetividade com que trata de um tema muito atual e por conjugar, na sua análise, dados históricos e recentes descobertas arqueológicas. Ele mesmo — historiador e arqueólogo — sentiu a necessidade de associar os progressos no conhecimento sobre o Egito Antigo, conseguidos por ambas as áreas, principalmente quando descreve as habitações e quando infere o modo como as pessoas ali viviam, garantindo um enfoque científico ao polêmico tema do urbano no Egito Antigo.